

PORFIRIA

© 2003 Dra. Marney Pascoli Cereda

O pavor do Drácula de Bram Stoker à cruz é facilmente explicado, mas tanto a suscetibilidade fatal à luz solar como a ojeriza ao alho, podem ter sido inspiradas em pessoas reais portadoras de porfiria, uma doença rara do sangue.

O nome porfiria vem do grego porphiros, significando vermelho-arroxeadado.

“Na porfiria pigmentos conhecidos como porfirinas acumulam-se na pele, ossos e dentes. Estas podem ser benignas no escuro, mas se transformam em toxinas cáusticas e corrosivas ao tecido cutâneo sob a luz solar. Sem tratamento, chegam a causar desfigurações tais como ouvidos (?) e narizes mutilados, lábios carcomidos e, as gengivas, revelam dentes vermelhos semelhantes a presas. A pele, por sua vez, adquire o aspecto retalhado de cicatrizes com excesso de pigmentação e uma palidez cadavérica, revelando a anemia subjacente”. (Nick Lane, 2003)¹. A porfiria é doença genética e mesmo que alguns dos sintomas não possam ser aliviados, atualmente o principal tratamento para alguns tipos é a injeção de concentrado de glóbulos vermelhos (hemácias) ou soluções do Grupo Heme. Recomenda-se também aos pacientes o uso continuado de filtros solares.

Na Idade Média, entretanto, essa injeção era impossível, pois não havia sido descoberta. Pode ser então que algum paciente tenha sido orientado ou induzido por algum curandeiro a comer ferro, carne crua ou a beber sangue. Nascia, assim, a lenda – ou o mito – do Vampiro e do Lobisomem.

A natureza genética da porfiria juntamente com o casamento entre membros de uma mesma família em alguns grupos étnicos europeus orientais e entre a nobreza européia em geral, poderia ter desencadeado a doença em pessoas geneticamente ligadas. A lenda da maldição familiar dos lobisomens – ser lobisomem o sexto ou o sétimo filho do casal – pode ter se originado desse fato.

“Quanto à crença folclórica sobre o poder do alho para afugentar vampiros, é por quê existe no fígado uma enzima chamada de Citocromo P450. Ocorre que muitas drogas e compostos orgânicos que destroem o Grupo Heme do Citocromo P450 hepático, têm muito em comum com um dos principais componentes do alho, o diaquilsulfito, que é volátil. Isso sugere que a

¹ Nick Lane estudou bioquímica no Imperial College, University of London. É um pesquisador sênior honorário dessa universidade e diretor estratégico na Adelphi Medi Cine, uma companhia médica Multimídia com base em Londres. Seu livro Oxigen: the molecule that made the world, será publicado nos EUA pela Oxford University Press ainda este ano.

LANE, Nick Uma nova luz na medicina. *Scientific American Brasil*, n. 9, p.42-5, fevereiro, 2003

ingestão ou aspiração de alho aumenta a severidade de um ataque de porfiria”. (Thiago Varela, 2003).

Os cientistas, entretanto, ao procurarem a cura para a doença, descobriram que se a porfirina for injetada em um tecido doente, como um tumor canceroso, por exemplo, pode ser ativada pela luz de forma a destruir o tecido. Esse procedimento é conhecido como TFD (terapia fotodinâmica).

A fim de resolver algumas dificuldades encontradas para esse tratamento, especialistas em outras áreas foram procurados.

- Químicos, para sintetizar novas porfirinas, potencialmente fortes e que possam ser ativadas por comprimentos de ondas de luz capazes de alcançar mais profundamente tanto tecidos como tumores.

- Físicos, para criarem fontes que possam produzir luz com comprimentos de ondas específicas de forma a ativar novas porfirinas para serem acopladas a endoscópios e cateteres sofisticados ou até mesmo implantadas em tecido.

- Bioquímicos, para criar formas de reduzir o tempo gasto pelas porfirinas circulando na corrente sanguínea, restringindo os efeitos colaterais da fotossensibilidade.

Grande parte dessas pesquisas estão no estágio final pré-clínico ou nas primeiras experiências clínicas. O fato é que o TFD ao ser usado como alvo antimicrobiano poderá se tornar um instrumento útil do arsenal médico, uma vez que a resistência a antibióticos vem se tornando cada vez mais difícil de ser tratada.

David Dolphin, numa tese apresentada à Associação Americana para o Avanço da Ciência, sugeriu que a porfiria poderia estar relacionada aos relatos de vampiros. Assinalou que um dos tratamentos seria a injeção de Heme e formulou a hipótese de que as pessoas sofrendo de porfiria nos séculos anteriores tentassem beber o sangue de outros como uma forma de aliviar seus sintomas. A idéia foi recebida com grande publicidade e debatida seriamente durante vários anos, mas a hipótese de Dolphin foi totalmente descartada. Seu principal crítico e opositor foi Paul Barber afirmando que os relatos dessa época não descreviam as pessoas que tinham os sintomas da porfiria, pois muitos deles se relacionavam à descrição de cadáveres, não de pessoas vivas ou de fantasmas desencarnados.

O fato é que a cobertura dada pela mídia foi um assunto de grande angústia para muitos pacientes que sofriam do mal. Essa angústia intensificou-se devido aos vários programas de televisão produzidos sobre a possibilidade de um paciente portador de porfiria exibir padrões de comportamento vampírico.